



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU
de 04/09/2015
**Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do
Ensino Fundamental**



PATRICIA GLEICI OLIVEIRA DE SOUZA

TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE UMA EDUCADORA

**POLO/RO
2017**

PATRICIA GLEICI OLIVEIRA DE SOUZA

TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE UMA EDUCADORA

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil [UAB] e com o Polo de Porto Velho/RO, como Pré-requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia.

Orientador (a) Prof.(a) **Dra. Walterlina
Barbosa Brasil.**

**POLO/RO
2017**

TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE UMA EDUCADORA

PATRICIA GLEICI OLIVEIRA DE SOUZA

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

O Trabalho de Conclusão de Curso foi defendido no dia 18 de Dezembro de 2017, sendo APROVADO, sob a média 90 (noventa).

Profa. Dra. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Prof. Dra. Walterlina Barbosa Brasil.

Membro: Professora Marijane Silveira da Silva

Membro: Professora Rosângela França

**Dedico este trabalho a todos os educadores
comprometidos com a Educação, e pelo
dever de alfabetizar com respeito,
valorizando a igualdade no aprender e
ensinar.**

Agradeço:

Aos meus familiares, pelo apoio e compreensão.

A Rosângela Amoêdo, pela amizade, dedicação, profissionalismo e companheirismo nesta trajetória.

Ao Professor Dr. Robson Fonseca, pela dedicação, profissionalismo, companheirismo e instrutor dos Estágios Supervisionados.

Aos colegas da turma de pedagogia, pelo caminhar juntos.

A Deus, por todas as bênçãos que tenho recebido.

Fazer diferente dentro de uma metodologia pedagógica padronizada não significa necessariamente desobedecer a regras ou leis, mas sim complementá-las, de modo que as tornem prazerosa e interativa. Como fazê-la? Dependerá da própria vontade de *fazer diferente*.

PATRICIA GLEICI

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| APRESENTAÇÃO | 8 |
| 1. AS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO REFLETINDO O PASSADO | 9 |
| 2. AJUSTANDO EXPERIÊNCIAS DE VIDA E PROFISSIONAL | 21 |
| 3. APRENDER E ENSINAR BRINCANDO..... | 25 |
| 4. SENSIBILIDADE E AFETIVIDADE | 26 |
| CONCLUSÃO..... | 28 |
| REFERÊNCIAS..... | 30 |

APRESENTAÇÃO

O memorial como trabalho final do meu curso de graduação, me proporcionou realizar reflexões das minhas experiências de vida, da infância a fase adulta (FREITAS, 2005). Assim, neste memorial, busquei trazer lembranças da minha formação estudantil, da pré-escola até a fase acadêmica, do qual procurei fazer reflexões críticas das práticas pedagógicas antigas e atuais.

Nos momentos reflexivos, busquei destacar elementos constitutivos do meu trajeto de vida e de formação estudantil, que serviram como base e referências para a minha formação e possibilidades de atuação profissional. Assim, procurei lembrar minhas fases escolares, os processos e métodos pedagógicos utilizados na época, como também, a atuação dos professores e a modalidade da gestão escolar.

É notório perceber que através do memorial pude lembrar refletir e analisar os meus processo de evolução, crescimento, amadurecimento e desenvolvimento. Desta forma, narro todas as lembranças memoráveis e reflexões de experiências vividas no passado e no presente.

Deixo claro que não foi tarefa fácil lembrar minhas experiências vividas e os métodos pedagógicos da época que frequentei a educação infantil, por ter sido marcado por experiências constrangedoras que vivenciei na escola. No entanto, compreendo que antes de falar do meu passado, preciso explicar o presente de acordo com as experiências de vida que envolveu minhas alegrias, dúvidas, esperanças e o aprendizado que desenvolvi ao longo caminho da minha fase educativa (FREITAS, 2005).

Para fazer comparações e reflexões críticas das experiências vividas na infância até a fase adulta, da pré-escola á fase acadêmica, as experiências vividas em sala de aula durante os Estágios Supervisionados foram predominantes e fundamentais, pois foram momentos dos quais pude refletir, observar, analisar, compreender e equiparar os métodos, as práticas pedagógicas antigas com as atuais, como também comparar os tratamentos dos professores com os alunos e alunos com professores, baseando-me nas lembranças das atitudes dos docentes e discentes do ensino tradicional, da época da minha fase estudantil, com o ensino atual, observados durante os estágios.

Considero ser essencial a ética profissional educativa, pois é uma profissão que está e faz parte presente na vida de todos os seres humanos. Então, penso que devemos ser humanos, sensíveis, profissionais, amigos e saber lidar com todos os paradigmas da educação. Não é

tarefa fácil, nos dias atuais, mas não é impossível. Não custa tentarmos sermos diferentes, acrescentar no sistema educacional a felicidade e o desejo de aprender, dialogar e tentar compreender e respeitar as crianças (o aluno), em suas singularidades. Somos todos iguais, porém diferentes nas características, personalidades, cultura e outros tópicos importantes dos seres humanos (FREITAS, 2005).

Valorizei, em minhas lembranças, a busca das experiências que vivi enquanto aluna e profissional da educação durante os estágios supervisionados. E assim, refletir e analisar minha futura atuação profissional, na educação infantil (meu foco), compactuando-a a uma tendência pedagógica baseada no diálogo, respeito, autonomia, sensibilidade e humanização.

1. AS EXPERIÊNCIAS DOS ESTÁGIOS REFLETINDO O PASSADO

Lembro que o meu primeiro estágio supervisionado foi inicializado na educação infantil I e II, no primeiro semestre de 2016, e que eu e os demais graduandos deveríamos escolher uma escola que comportasse desde a creche até o pré II. Assim, escolhi uma escola com as três modalidades de ensino da educação infantil, localizada próxima á casa de minha mãe, no bairro Igarapé, em Porto Velho/RO, para facilitar minha rotina diária.

A minha trajetória iniciava após a saída do trabalho: buscava meu filho na escola, no bairro Embratel, e o deixava com minha mãe no bairro Igarapé, e assim prosseguia o trajeto até a escola localizada no bairro Esperança da Comunidade. Às vezes não dava tempo de almoçar, ou às vezes comia o mais rápido possível para não chegar atrasada, pois horário, pra mim, deve ser cumprido.

Na primeira abordagem na escola escolhida, a recepção não foi nada agradável. Não que eu queira julgar as qualidades pessoais, mas existem pessoas que não sabem lidar com as relações interpessoais, passando a impressão de pessoas insensíveis. Lembro-me de como fui recebida pela coordenação da escola quando me apresentei para a realização do processo de estágio, que correspondia á caracterização e observação do ambiente e do Projeto Político Pedagógico (PPP). Naquele momento pensei em desistir de realizar meus estágios naquela escola, mas fiquei e fingia que não me importava com os tratamentos de indiferenças, e consolei-me nos meus pensamentos de que os gestores não gostam de receber os estagiários por acharem que irão atrapalhar a sequência dos trabalhos, ou por pensarem que irão avaliar julgar, ou criticar as ações ou metodologias dos profissionais da instituição escolar. Penso assim por ter observado certos olhares de desconfiança, de interrogação, de aprovação e

reprovação, e até mesmo comentários relativos. No entanto, de todas as situações que passei o que valeu foram as experiências, as amizades e principalmente os olhares de curiosidade, de alegria e dos sorrisos que recebi das crianças daquela escola.

Naquele momento do estágio, já possuía todo o histórico da escola, repassados pela secretária e orientadora da instituição. O que me chamou a atenção no PPP foi a proposta da gestão adotada – Gestão Democrática da Educação, e a teoria que embasa a proposta educacional – Sócio Interacionista. Verifiquei, no decorrer do estágio, que as propostas entravam em contradição com as realidades observadas, e a impressão que tive foi que todos faziam o que a diretora desejava, e ninguém podia contrariá-la porque poderiam surgir consequências. E isso me fez voltar ao passado, lembrando a tal chamada *Educação Tradicional*¹, onde os alunos sofriam algum tipo de punição se desobedecessem aos professores, e que até os dias atuais está disfarçada em algumas metodologias modernas com professores que se dizem atualizados.

Essa minha reflexão, em relação à proposta pedagógica da escola na qual estagiei, é porque a teoria Sócio Interacionista, de Lev Vygotsky (1896-1934), foca na interação, onde a aprendizagem dá-se em contextos históricos, sociais e culturais. Para ele, o indivíduo aprende através de sua inserção na sociedade, ou seja, interagindo com outros indivíduos poderá construir conhecimentos imediatos através dos contextos sociais. E assim interrogo como interagir em um ambiente na qual a socialização é diferenciada e exclusiva? Lembro que senti desprezada, mas deixei de lado os sentimentos e partir para as realizações.

Assim, os fatos citados acima, fez-me lembrar a hierarquia da gestão escolar da época em que cursei da 6ª à 8ª série na escola Juscelino Kubitschek, no período de 1987 à 1989. Os professores e os outros funcionários obedeciam ao Diretor e Vice Diretor da escola, e os alunos obedeciam a toda equipe educacional. Assim, a gestão da escola era administrada por diretores, que por sua vez seguiam os critérios da secretaria de educação. Os currículos e os planos de aula, como também a forma de direcionar, eram processos prontos e unificados, baseados nas normas e leis educacionais da época. Não existiam diálogo e decisões conjuntas, as propostas e projetos eram prontos, bastava os professores seguir, aplicar e inserir conhecimentos nos alunos.

¹ Educação Tradicional - O gestor é um burocrata autoritário, cuja preocupação fundamental é controlar e aplicar programas e ordens oriundas dos órgãos governamentais. IRECE – BAHIA 2010. <http://sirlene58.blogspot.com.br/2010/06/atividade-online-i.html>

Então, quando iniciei o estágio em sala de aula constatei o que já havia analisado: que a proposta de ensino da escola estava equivocada. Primeiro fato foi a sensação de que todos agiam de acordo com as vontades da direção, fortalecida por um momento de diálogo de alguns funcionários que indagavam a resistência dos gestores para a realização de algumas mudanças necessárias na escola. Segundo fato foi as metodologias aplicadas em sala de aula.

Na creche, lembro que o início das atividades iniciava-se com apresentação individual de cada criança, onde pronunciavam seus nomes e suas idades. Percebi crianças intimidadas que não queriam realizar a ação solicitada pela educadora, talvez pelo fato da minha presença. Porém, a professora solicitava forçosamente a realização da ação inicial, sem nenhuma sensibilidade, colocando a criança em uma situação constrangedora. Após, a educadora contava histórias e organizava todas as crianças sentadas em cadeiras com as mesas enfileiradas; atividades de colorir; e depois todos de cabeça baixa na mesa.

Essa última ação da educadora fez me voltar ao passado em dois momentos: Pré-escola e Ensino Médio. No primeiro momento relembrei o meu tempo da pré-escola, quando a professora exigia que ficássemos quietos com a cabeça colada na mesa, e se levantássemos a cabeça, antes da liberação, levávamos puxão de orelha. E no segundo momento foram lembranças das exigências do professor de OSPB, no Ensino Médio, no qual mandava que ficássemos de cabeça baixa até segunda ordem. Fatos estes que estão de acordo com Jussara de Barros graduada em Pedagogia (equipe Brasil Escola, s/d), quando afirma que:

Escola não muito distante, tínhamos uma escola coercitiva, que feria os princípios éticos e morais, que agredia fisicamente e moralmente os alunos através de castigos, puxões de orelhas, orelhas de burro, xingamentos, dentre várias outras ações agressoras.

Naquele momento senti tristezas, pois, por serem crianças pequenas e estarem inseridos em uma sociedade moderna e tecnológica, eu imaginava uma sala de aula com crianças brincando com diversos brinquedos e objetos; interagindo uns com os outros através de diálogo e brincadeiras. Então pensei: Cadê a interação? Cadê a socialização? Fiquei assustada! Depois percebi que a interação e socialização aconteciam somente na recreação de 15 minutos. O que foi chocante naquele momento do meu estágio na sala da creche foi o argumento da educadora: “Eles precisam ser disciplinados para o próximo estágio escolar”. “Então seguimos a rotina escolar determinada pelos Gestores”. Aquela rotina observada

equiparou a mesma rotina que eu tive na minha fase do pré-escolar: Uma rotina repetitiva sem inovação, com professores autoritários e insensíveis.

Freire (1997), em seu livro “Professora sim, tia não - cartas a quem ousa ensinar”, relata as qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professores e professoras. E assim, destaco a humildade como sendo uma qualidade predominante ao ser humano, pois através dela surgirão novas qualidades essenciais à vida social, e principalmente ao desempenho do trabalho pedagógico. Assim, em sua Quarta carta, Freire (1997, p. 37) cita a humildade:

Começarei pela *humildade* que, de modo algum, significa falta de acato a nós mesmos, acomodação, covardia. Pelo contrário, a humildade exige coragem, confiança em nós mesmos, respeito a nós mesmos e aos outros. A humildade nos ajuda a reconhecer esta coisa óbvia: ninguém sabe tudo; ninguém ignora tudo. Todos sabemos algo; todos ignoramos algo. Sem humildade dificilmente ouviremos com respeito a quem consideramos demasiadamente longe de nosso nível de competência. [...] Ouvir com atenção a quem nos procura, não importa seu nível intelectual, é dever humano e gosto democrático, nada elitista.

Assim, mesmo que um sistema exija uma postura ética, dentro do seu contexto, devemos como ser humano, como pedagogos, ser humildes, nos avaliarmos e avaliar os procedimentos exigidos. E assim, utilizarmos do bom senso, da amorosidade, da coragem, da tolerância, da paciência, para desenvolver meios eficazes e encarar os obstáculos. Não está sendo tarefa fácil, nos dias atuais, porém, também não é impossível.

Retornando às lembranças, na turma do pré I presenciei uma metodologia diferenciada, do qual teve interação e participação conjunta dos alunos em algumas atividades, como exemplo o posicionamento das cadeiras e mesas em círculo, do qual facilitaram a socialização e interação entre alunos e professora. No entanto, fiquei preocupada com dois alunos que não acompanhavam o aprendizado, e que não tinham nenhuma motivação ou auxílio por parte da professora. Percebi tal fato durante as minhas observações em sala de aula no período dos meus Estágios Supervisionados. Pensei: Como aquelas duas crianças iriam acompanhar os outros no aprendizado? Quais seriam os motivos ou fatos para eles não interagirem?

Eles não tinham nenhum tipo de motivação; parecia que estavam ali somente para passar o tempo, e o pior sem nenhuma intervenção e apoio pedagógico. Perguntei para a professora porque aqueles dois alunos não faziam as atividades proposta por ela, e me informou que eles não faziam porque não queriam e que tinham interesse somente em brincar e em atrapalhar os outros colegas. Lembro também de outro fato no qual a professora

mencionou que as atividades com tinta guache eram evitadas por causa da sujeira que ocasionava nas mesas e no chão da sala de aula. Creio que essas decisões devem estar penetradas nas escolas, principalmente nas públicas dos bairros periféricos, pois lembro que quando trabalhei de voluntária em uma escola infantil de associação de bairro, em 2006, as professoras aplicavam atividades de colorir com a utilização de lápis de cor, evitando as atividades com tinta guache por causa da sujeira que ocasionava, alegando que teriam que limpar e organizar toda a sala. Fiquei indignada, afinal, se sujamos, então limpamos todos juntos! O que não pode acontecer é deixar de usar material didático que contribua para o aprendizado e o desenvolvimento da criança. Se eu, adulta, adoro brincar com tinta guache e massinha de modelar, imagine as crianças. São atividades diferenciadas e fundamentais, pois desenvolve a criação, imaginação, coordenação motora, autonomia e liberdade para fazer, criar e demonstrar sentimentos. São ações pedagógicas diferenciadas que devem estar presentes no cotidiano escolar para fortalecer e incentivar um aprendizado mais prazeroso e feliz.

Não recordo se na época da minha fase do pré a professora utiliza massinha de modelar, mas lembro das atividades com tinta guache, e que eu adorava pintar minha mão e passar para o papel, desenhar e pintar flores, árvores e o sol. Lembro, também, de que eu utilizava uma cartilha de alfabetização que, creio eu, era padronizada, pois quando converso com alguns amigos da mesma época, mencionamos o seu nome: *Cartilha da Mimi*. E o engraçado é que eu adorava aquela cartilha da macaquinha, pois além de ensinar o alfabeto e as sequências para o aprendizado, contava estórias engraçadas e traquinhas da macaca Mimi e dos integrantes do circo.

A última observação foi realizada na sala do pré II. Ali me identifiquei. Adorei estar naquela sala! Aprendi muito com aquela professora. Era a sala mais barulhenta e divertida. No início fiquei um pouco assustada, afinal já tinha passado por duas salas na qual as crianças aparentavam medo da professora, e algumas pareciam robôs. Nessa era diferente, as crianças tinham um pouco mais de liberdade para se interagirem. Contavam histórias e fatos do cotidiano social, trocavam ideias e brinquedos, escolhiam as histórias que queriam escutar de acordo com a técnica de escolhas (ganhava a história mais indicada pelos alunos), faziam teatros e participavam de rodas de conversas, juntamente com a professora, para análise e recordação do aprendizado da aula anterior. O interessante foi observar as rodas de conversas, pois foram realizadas no chão, com a participação de todos na organização das carteiras e dos materiais utilizados. Brincaram com massinha de modelar e tinta guache, e no

final das atividades todos participaram nas organizações da sala, pois era regra, quem não ajudava, não brincava com os materiais na próxima vez.

Ao lembrar-me das práticas pedagógicas realizadas pela professora do pré II, reflito e relaciono-as com as teorias de Paulo Freire (1987) que defende a educação como prática da liberdade. Práticas estas que proporcionam o crescimento na compreensão dos próprios conflitos, como exemplo a roda de conversa realizada diariamente pelos alunos e a professora, pois essa prática desafia as crianças a participarem expressando suas ideias, opiniões e sua forma de ver o mundo através do diálogo. Daí a grande importância das posições das carteiras em círculos, que facilita a interação, visualização, observação, análise e comunicação verbal e corporal uns com os outros.

Outra lembrança maravilhosa e inesquecível, com a turma do pré II, foi o teatro realizado por eles. Como realizei meu estágio em período das comemorações folclóricas, pude participar das apresentações teatrais das crianças. E confesso que a melhor apresentação foi a do pré II, que contaram a história do Chapeuzinho Vermelho. Assim, todos participaram, pois a professora não deixou ninguém de fora, adaptando todas as crianças com os personagens. Achei profissional e sensível à atuação da professora naquela decisão teatral, pois motivou o interesse de todas a participar e a interagir. O engraçado foi que teve bastante caçador e só um lobo. Foi divertido, e fiquei muito emocionada e agradecida por aquele momento, pois senti a emoção, a alegria e o desejo da conclusão teatral daquelas crianças.

Na época de minha infância, na fase do pré, não fazíamos teatros, nem rodas de conversa. Recordo das brincadeiras de rodas e das competições entre turmas. Eu adorava a corrida de saco. Porém, todas as brincadeiras e ou atividades recreativas eram normatizadas pelos professores e nem todos participavam.

As experiências do estágio no ensino fundamental ficaram marcadas por certas atitudes dos professores e gestores atuantes. Analisei que quando queremos fazer a diferença basta querer, deixando de lado as dificuldades e o desinteresse pedagógico, buscando melhorias e adequações no aprendizado. E entendo que alguns fatores sociais e pessoais refletem na qualidade do trabalho de um profissional. Desta forma, a atuação de um educador muitas vezes deixa a desejar, por falta de motivação, aperfeiçoamento profissional e apoio governamental.

Assim, presenciei atitudes profissionais e não profissionais. Digo profissional quando uma professora, mesmo já atuando mais de vinte anos na educação infantil, não mudou sua qualidade de trabalho. Foi o que presenciei na sala de aula do primeiro ano do ensino

fundamental. A professora não perdera a sua essência de educadora sensível, amiga e profissional. Suas atitudes continuam formidáveis, tanto em suas metodologias de ensino, como nas suas técnicas pedagógicas. Relato com entusiasmo as qualidades profissionais da professora por conhecê-la a mais de 20 anos, e por ter sido professora de minha filha, na fase da pré-escola, tenho conhecimento dos seus atos profissionais e de suas qualidades como educadora. A sua sensibilidade, o seu carinho e a sua atenção continuam visíveis na sua atuação profissional, mesmo com todos os solavancos do setor educativos com mudanças sociais e pessoais, a sua personalidade profissional reflete uma professora humanizada.

Freire (1996, pg.19), afirma que “Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor”. E esse gesto será a sintonia que o aluno terá no seu aprendizado e no seu desenvolvimento, que marcará todo o seguimento de sua vida. E como marca! Lembro-me das marcas que ficaram e que ainda estão em superação.

Então, devo, como educadora, refletir e avaliar minhas ações, técnicas e métodos pedagógicos, e fortalecer o cotidiano pedagógico de modo que se torne um ambiente recíproco de aprendizagem, onde ensino a aprender e aprendo ensinando.

Sei que não é fácil quebrar paradigmas do setor educativo. As influências de uma cultura educacional pessimista, com vários fracassos e incertezas, nos transformam em professores fragilizados e duvidosos. Assim, há uma necessidade de nós, educadores, enfrentarmos desafios e ultrapassarmos os obstáculos para podermos transformar a sociedade e o mundo. Assim, para Freire (1996, pg. 29), “Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No próprio mundo da História, da cultura, da política, constato para não me adaptar, mas para mudar”.

Em relação às experiências e atitudes que presenciei, constatei que o nosso sistema educativo está repleto de profissionais fragilizados. Como exemplo cito uma lembrança bem clara da fala de uma gestora da escola que estagiei, em relação às atividades extracurriculares: “Não fazemos projetos culturais externo, porque dão trabalho e dor de cabeça. Temos que correr atrás de apoio, materiais e pessoal disponível. Os professores não têm motivação e não querem trabalhos extras”. E informou, ainda, que a escola não recebe mais o dinheiro direto para escola do PDDE do FNDE, do qual prejudicou e paralisou várias ações que a escola realizava, não informando e nem detalhando os motivos do corte do auxílio escolar.

Presenciei, também, a realidade do cotidiano escolar na fase do ensino fundamental II: o desrespeito, o desinteresse, a falta de ética e harmonia entre professor e aluno. Assim,

recordo de uma discussão entre uma professora, antiga na profissão, com um aluno do quarto ano de apenas onze anos de idade. Aquela cena me fez refletir que há uma necessidade imensa de fazer mudanças nas técnicas pedagógicas de professores que resistem as mudanças, e continuam naquele mundo tradicional. E confesso que fiquei impressionada sobre o relato da professora ao indagar que aquele aluno não queria saber de nada, e que ela achava que o aluno era imperativo. Confesso que não concordei com as análises dela, e que aquele aluno refletia experiências de vida conturbada, talvez familiar ou social por passar muito tempo na rua e em companhia de outras crianças afetadas pela evolução e consequências sociais. Outros fatores que também poderiam ser a causa de suas atitudes violentas, é a falta de afeto, de compreensão, de apoio familiar, ou de outros aspectos ou situações vivenciadas socialmente. Percebi que aquele aluno possuía um grau de inteligência e de interesse quando demonstrei atenção, diálogo e auxílio pedagógico.

A situação que presenciei em sala, fez-me refletir, e busquei as memórias da minha infância, quando estava na pré-escola. Eu era uma criança feliz, calma, inteligente e que adorava brincar. A minha estrutura familiar era completa. Porém, devido á ato pedagógico, baseado em *métodos tradicionalistas*² me tornei uma criança idêntica ao aluno do quarto ano, de 11 anos de idade, que discutia com a professora e demonstrava desinteresse em aprender.

O ano letivo é composto por alguns feriados nacionais, municipais e estaduais. Assim, se realiza algumas comemorações simbólicas. E logo no início do ano, no mês de abril, temos duas comemorações que as escolas infantis não deixam passar em branco: Páscoa e dia do índio. Foram esses dois momentos que deram origem a um ponto negativo na minha personalidade, a timidez e o medo de falar ao público, que reflete até os dias atuais, mas que está sendo superado no decorrer das minhas experiências de vida e profissional. Os fatos que levaram a tais sentimentos são compreensíveis e avaliáveis, pois foram motivados por amor familiar, e decisões e ações pedagógica tradicionalista.

Os fatos motivados por amor foram causados porque a família sempre deseja o melhor aos seus integrantes. Por esta razão minha mãe, meu pai e minha avó, colocaram-me em situações constrangedoras na escola. Como iniciei a pré-escola com seis anos de idade, pra mim tudo era novo: o ambiente, as pessoas e as situações. Assim, passava por adaptações que necessitava de um processo pedagógico adequado que todas as crianças necessitam nesta fase.

² Métodos Tradicionalistas – É a abordagem predominante no país e por isso mesmo a mais conhecida dos pais. Nas escolas tradicionais, o foco está no professor, que detém conhecimentos e repassa ao aluno.
<http://www.capesesp.com.br/conheca-os-metodos-de-ensino-das-escolas>

Os fatos motivados por experiência pedagógica tradicionalista foram causados porque os professores e gestores eram proprietários únicos de saberes sociais e culturais, de sentimentos e decisões, de pensamentos e ações, e donos e comandantes da escola e salas de aula, agiam de acordo com suas possibilidades, e achavam que todas as suas ações e decisões estavam corretas.

Os constrangimentos:

Lembro que o primeiro aconteceu no dia da páscoa. A professora havia confeccionado orelhinhas de coelho feitas de cartolina para a comemoração com as crianças. No entanto, no dia da comemoração tinha uma criança em cima de um tablado, feito pela professora da turma, toda a caráter, ou seja, vestida de coelho dos pés á cabeça. Era a atração do dia. Todos olhavam para aquela criança com admiração. Alguns riam, caçoavam, gozavam, apontavam para as orelhas, os dentes e até o rabinho do coelho era motivos de risos. Por infelicidade, essa criança era EU.

A minha avó confeccionou a roupa do coelho com a intenção de que eu ficasse a coelha mais bonita da escola, sem ter a consciência das consequências e dos meus sentimentos.

O segundo constrangimento aconteceu na comemoração do dia do índio. Agora imagine se no dia da páscoa eu estava de coelho, totalmente, e no dia do índio? Á caráter, com certeza. Desta vez não tinha sido a minha avó que havia confeccionado, e sim minha mãe e meu pai. Utilizaram um espanador, que era muito utilizado na época para a limpeza de móveis, feito com penas de aves que foram utilizadas para a confecção da minha roupa indígena.

Na escola, as crianças estavam vestidas normalmente, com seus uniformes e com um cocar na cabeça feito de cartolina pela professora. Como cheguei á caráter, a professora organizou uma roda com as crianças, onde todos ficaram sentados no chão e eu fiquei no centro dela. Mas uma vez me tornei o centro das atenções e das gargalhadas. Nossa como aquilo marcou! Marcou tanto que refletiu por anos em minha vida social.

Diante das duas situações que passei, o restante do ano letivo foi um terror pra mim. Os colegas da escola, os mais atrevidos, passaram a me apelidar de diversas formas: rabo de coelho, dentuça, orelhuda, índia, cacique e outras que não recordo, mas que eram motivos de risadas por todos que ouviam. Desta forma, passei a ser uma criança violenta, e comecei a me defender da maneira que eu achava melhor, pensando que resolveria o problema. Então, eu apontava o meu lápis de escrever a fim de deixa-lo com a ponta bem fininha para furar quem

me apelidasse. Nossa, foram várias vezes que fiz essa ação que resultava em castigo e direção escolar. Minha mãe foi chamada várias vezes na escola, e por sofrer repreensão pelos dois lados, família e escola, me tornei uma criança fechada pro mundo, não queria saber de mais nada, de ninguém; não gostava de conversar; brincava sozinha com minhas imaginações e brinquedos. Passei a ser egoísta, o que era meu, era só meu. Porém, não deixei de ser aluna; e até gostava de estudar. Só não gostava de pessoas. E esses sentimentos talvez ainda refletem na minha vida social.

Hoje, os apelidos e outras palavras de ofensas são caracterizados como *Bullying*, que de acordo com o dicionário online significa “Forma de violência que, sendo verbal ou física, acontece de modo repetitivo e persistente, sendo direcionada contra um ou mais colegas, caracterizando-se por atingir os mais fracos de modo a intimidar, humilhar ou maltratar os que são alvos dessas agressões” (DICIO, 2017).

As escolas, atualmente, trabalham a questão do bullying, com a intenção de ensinar a importância do respeito ao próximo e o bom conviver social. Questões importantes que deveriam existir na época da minha fase da educação infantil.

A Pedagogia Tradicional era caracterizada por uma metodologia completamente hierárquica e tinha como consequência a submissão. Como a relação professor-aluno era vertical, não existia o diálogo e nem interação social, o aluno sentia medo de se expor perante o público, e até mesmo de expor sentimentos e conhecimentos. Éramos considerados como um componente do conhecimento e receptor da tradição cultural, que nada sabe e que precisa de um professor para absorver conhecimentos. E família e sociedade depositavam total confiança nos educadores e nas escolas para educar as crianças e adolescentes (ROBISON SÁ, 2017).

Os métodos pedagógicos tradicionalistas, na minha visão atual, eram assustadores, e ao recordá-los me causam sentimentos de aflição, pois lembrá-los vivencio situações desagradáveis e humilhantes que passei no ensino infantil e médio.

Como já citei as experiências na fase infantil, as do ensino médio são mais claras e consequentes. Foram experiências motivadoras para minha desistência na continuação de minha formação escolar.

De início, cito as dificuldades que tínhamos em conseguir vagas nas escolas, e assim precisei ficar dois dias na escola, enfrentando filas para conseguir uma vaga no primeiro ano do ensino médio. Lembro que as escolas ofertavam o ensino médio técnico, e a escola do qual me matriculei possuía a modalidade de ensino voltado para a contabilidade. Confesso que

meu sonho era o Magistério, mas a escola que ofertava essa modalidade de ensino não tinha vagas para novatos. Começou então minha primeira decepção.

Consegui me matricular na Escola Rio Branco, que possuía o Ensino Médio Técnico em Contabilidade. Iniciei os estudos sem motivação, pois o que eu queria mesmo era estudar o Técnico em Magistério.

Durante o processo de ensino, com todas as qualidades de um método pedagógico tradicional, recordo dos professores bons e ruins. Destaco desta forma as qualidades profissionais da época porque apesar das qualidades de um ensino tradicional, existiam professores sensíveis que faziam a diferença e tornavam o aprendizado mais interativo, ou menos constrangedor. Desta forma, começo recordando as ações pedagógicas dos professores que eu, e todos os colegas, considerávamos ruins. Lembro que a maioria das avaliações era de decorar textos e explica-los para toda a turma da sala de aula. Às vezes precisávamos comprar livros e dividir os temas em grupo. Essas ações eram exigidas nas disciplinas de Geografia, História, OSPB e às vezes até na disciplina de Português. Porém o meu sofrimento, e dos colegas de sala, era na disciplina de história. Nossa, éramos humilhados e massacrados pela professora. No momento de minha exposição eu gaguejava e me tremia de tanto medo e vergonha daquele momento. Ela me fazia repetir várias vezes até chegar a um estado satisfatório de entendimento.

Dos professores bons, só teve um, o de Biologia. Eu ficava ansiosa pela sua aula. Seu método de ensinar era maravilhoso, pois ele compartilhava suas experiências de pesquisador de acontecimentos naturais e não naturais, que fazia no Nordeste, com os assuntos da disciplina de biologia. Todos, sem exceção, adoravam seus métodos, com inclusão de histórias e experiências de vida, fazendo com que libertássemos nossa imaginação, interação e diálogo.

Recordo que eu adorava Matemática, Física e Química, mas não me encontrava em Contabilidade. Desta forma, concluí o primeiro ano técnico e decidi fazer o Ensino Médio normal. Foi então outra batalha para conseguir vaga em outra escola. Não imagina o terror que eu passaria na escola nova devido aos problemas sociais que enfrentávamos. Na época, por volta de 1990, existiam muitas gangs que predominavam violência e evasões escolares, principalmente nas escolas periféricas, nos bairros mais distantes do centro da cidade onde o terror era diário. Lembro-me dos tiroteios, das brigas, e até mesmo das mortes de alunos dentro do recinto escolar. As relações entre professores e alunos estavam em guerra. Não havia respeito em sala de aula, somente humilhações, repreensões e evasões de alunos e

professores humilhados. Foi difícil, no entanto consigo recordar de algumas práticas pedagógicas satisfatórias. A professora de Geografia, apesar da decoreba, conseguia auxiliar e ajudar os alunos que precisavam completar nota, solicitando trabalhos manuscrito de assuntos relacionados á disciplina. No entanto o professor de OSPB parecia um general, pois exigia que todos ficassem de cabeça baixa esperando a ordem para levantar. Humilhava os alunos chamando-os de burros e ignorantes, que serviríamos somente para comer capim. E assim foi declarada a guerra, os meninos fizeram uma maldade com ele que resultou na sua evasão da escola, dizendo que nunca mais voltaria a lecionar naquela instituição escolar. Foi uma época muito difícil, mas pretendia pelo menos terminar o ensino médio.

E assim foi a conclusão do ensino médio, sem alguns professores, sem aprendizado suficiente, e com notas repetidas para não haver reprovação dos alunos, em massa, por falta de educadores.

Devido á todos os acontecimento e situações que passei, fiz minha reflexão: Não estava apta para realizar vestibular, principalmente para conseguir vaga na UNIR, que até hoje é bem concorrida, e principalmente por não ter condições de pagar uma faculdade particular, que na época era bem caro.

Não foi fácil, pra mim, concluir o Ensino Médio, pois apesar de estudar, tinha que trabalhar para ajudar financeiramente a minha família. E assim, sem motivação e apoio familiar, estacionei a vida estudantil, sem nenhum interesse em continuar e concluir o Ensino Superior.

Ao relembrar os motivos que me inspiraram para ingressar numa faculdade e concluir uma graduação, é um pouco vergonhoso mencioná-lo. Porém, foi um motivo que hoje o vejo como um ponto de partida decisivo na minha vida, que contribuiu para o meu desenvolvimento e fortalecimento de minhas capacidades. Assim, retornei a vida estudantil, e ingressei no Ensino Superior motivado por desejos financeiros, ou seja, queria ganhar mais quinze por cento em cima do meu salário, pois sendo funcionária pública teria esse direito.

Entrei no serviço público em 2008, com o cargo de serviços gerais, através de um concurso público realizado em 2006. Como não possuía Ensino Médio técnico, eu não teria direito a dez por cento á mais no meu salário. E comecei a pensar em fazer uma graduação via online por não ter tempo disponível para uma faculdade presencial. E como a minha vontade era estudar na UNIR, em 2010 surgiu a minha oportunidade através do sistema UAB/UNIR. Desta forma, participei do vestibular, e com minha aprovação iniciei a faculdade de Pedagogia.

No início não apresentei muito interesse, mas eu tinha expectativas, e assim continuei enfrentando alguns obstáculos, aprendendo e valorizando a vida e o aprendizado.

Das experiências boas e ruins que passei durante a minha formação estudantil, da Pré-escola ao Ensino Médio, guardo algumas que valem á pena recordar, pois são memórias ainda não mencionadas da fase estudantil do Ensino Fundamental, da primeira á quarta série primária, que considerei momentos de paz e harmonia, e que não deveriam ser mencionadas juntamente com as memórias constrangedoras. Foi tudo de bom nesta fase, apesar do ensino tradicional e regras de uma instituição escolar particular que baseava seus princípios na religiosidade.

Lembro que iniciei os estudos nessa instituição como bolsista. Minha família não tinha condições de pagar uma escola particular, e minha avó paterna conseguiu a bolsa e todos os materiais que eu precisaria para os estudos.

Devido aos traumas vividos na educação infantil, na fase da pré-escola, eu me tornei uma criança muito tímida, parecia um gato assustado. No entanto, não tive problemas de adaptação na fase primária, pois a escola valorizava crianças comportadas, quietas e obedientes. E naquele ambiente de respeito, de harmonia e de paz, fui interagindo socialmente e me sentindo bem. Participava de todas as atividades oferecidas e adequadas para a minha idade. Eu adorava os jogos escolares, as aulas de educação física, as rodas de leitura e de artes, no qual aprendi trabalhar com gesso nas confecções de quadrinhos pintados á mão. De todas as atividades da escola, a que mais me agradou foi o coral da igreja do qual eu fazia parte. Foram maravilhosos pra mim os momentos de cântico, o aprendizado, a interação, e principalmente as amizades que construí e que até hoje existem.

Lembro-me dos momentos mais felizes que passei naquela escola. Minha mãe não me proibia de participar dos eventos e nem das viagens realizadas pelos integrantes do coral da igreja á outras congregações de outras cidades. Foram quatro anos de muitas alegrias e felicidades!

2. AJUSTANDO EXPERIÊNCIAS DE VIDA E PROFISSIONAL

As experiências dos estágios foram essenciais para a minha valorização profissional e pessoal. Então, quando iniciei a escrita deste memorial, busquei as memórias, que de uma forma ou de outra, influenciaram na minha vida social, ou seja, as que contribuíram na formação e desenvolvimento de minha personalidade.

Neste contexto, quando passo a ajustar minhas experiências, compreendo que as influências familiares e escolares são elementos que influenciam no desenvolvimento do ser humano, que podem ser boas ou ruins. E penso que devemos conduzir de forma humana, atribuindo valores e sentimentos positivos, refletindo e analisando nossas ações. Porém, nos dias atuais, a função familiar está deixando a desejar, passando sua função de educar, dentro dos conceitos morais, sociais e culturais, para a escola. As escolas, melhor dizendo os professores estão sobrecarregados, porque além de ensinar estão educando e cuidando de alunos. E o pior é que não são valorizados. Talvez sejam estas questões que muitos educadores não são tão profissionais, e desenvolvem suas atividades de acordo com os sistemas, sem nenhuma motivação e interesse para diferenciar práticas e métodos.

Ao refletir minhas experiências memoráveis, meus traumas e minhas alegrias, no decorrer da minha vida estudantil, compreendo que a educação infantil é uma modalidade que nos desafia, pois as crianças trazem um contexto de vida social que precisamos compreender e estudar com seriedade e compromisso (MONTEIRO; OLIVEIRA; RONDON, 2013). E precisamos trabalhar com métodos que valorize as experiências das crianças e do educador, pois assim teremos meios e oportunidades de socialização e de total aprendizado. E é fundamental compreendermos que a educação infantil necessita de profissionais competentes, e principalmente que goste de crianças, e que tenha, fundamentalmente, sensibilidade, afeto e saber impor regras e limites com paciência e sabedoria (FREIRE, 1996).

Enquanto aluna, lembro-me dos meus sentimentos de necessidade de afeto e compreensão. Eu esperava receber, pelo menos um sorriso dos meus professores, o que era difícil naquela época; ou talvez um elogio ou um agradecimento. Não existia diálogo aberto e nem interação total. Os diálogos ou interação quando existiam eram para resolver algumas dúvidas das matérias.

Sinto que relembro minhas experiências dos estágios, meus sentimentos ainda permeiam com os sentimentos do passado, pois presenciei professores não sensíveis e alguns não profissionais. E talvez o que senti na época de uma educação tradicionalista, existe crianças que sentem no mundo atual, por estarem passando ou vivenciando situações que envolvam indiferenças, desconsideração, desafetos e desrespeito ocorridos em ambiente familiar e escolar.

Diante destes fatos, me preocupo com a criança em desenvolvimento, como com a capacitação profissional. Pois se não há vontades e desejos de mudanças nos métodos e nas capacidades dos educadores, como as crianças aprenderão e desenvolverão adequadamente? E

nesse foco, quando estudamos a relação entre aprendizagem e desenvolvimento, as contribuições de Piaget, Vygotsky e Freire contribuíram para as minhas reflexões.

Nas minhas lembranças, da infância á fase adulta, sei que o desenvolvimento e a aprendizagem acontecem por vários fatores importantes, e que construímos conhecimentos ao longo da vida. Isso porque convivemos em uma sociedade que evolui, e como ser humano, que interage com o meio, desenvolvemo-nos de acordo com as possibilidades postas. E assim, é a criança. Ela irá se desenvolver de acordo com o que está sendo disponibilizado.

Para Piaget (1896-1980), a aprendizagem e o desenvolvimento do pensamento acontecem com a adaptação do indivíduo ao meio físico e social; para Vygotsky (1896-1934), o desenvolvimento do pensamento é um processo em que o sujeito transforma e é transformado pela realidade física, social e cultural em que se encontra; e para Freire (1996), o desenvolvimento e a aprendizagem acontecem através das relações sociais fundamentadas na ética, no respeito e na dignidade.

Reflieto que ambas as teorias relacionam-se ao meio, e que o ser humano aprende, ensina e modifica esse meio, e se modifica de acordo com as possibilidades, vontades e situações sociais e culturais.

E relaciono as relações sociais, o bom viver e principalmente o aprendizado com a dialocidade, pois sem diálogo, sem palavras não há o encontro humano. Assim, Freire (1987, p. 44) cita que “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

Sendo assim, a escola possui papel fundamental neste processo de aprendizagem, principalmente na educação infantil, pois as crianças estão na fase inicial do seu desenvolvimento mental e intelectual. Daí a importância de educadores sensíveis, dialógicos e companheiros neste processo, pois assim terá capacidade de preparar a criança na fase em que os valores são adquiridos com observação do seu dia-a-dia, preparando-a para explorar o mundo a sua volta (MONTEIRO; OLIVEIRA; RONDON, 2013).

Faço comparações ao relembrar as experiências vividas, enquanto aluna e profissional, e destaco a importância dos métodos pedagógicos na formação e desenvolvimento da criança. Assim sendo, o método tradicional da época do meu ensino infantil ao ensino médio, teve grandes influências na formação de minha personalidade, pois sendo um método baseado somente na transmissão do conhecimento, na qual o professor era considerado o detentor de saberes e alunos apenas como ouvintes, caracterizou-me uma personalidade robótica. É estranho analisar desta forma, mas é o que penso, pois me tornei um

ser humano que estava sempre esperando as ordens, um executivo de tarefas, sem autonomia, sem decisões e sem diálogo. Principalmente depois dos meus traumas da infância na pré-escola e do Ensino Médio.

E assim, não existia relação e nem interação entre professores e alunos. Lembro-me do medo que eu sentia na fase do ensino fundamental e médio. Eles eram superiores e eu sentia inferiorização pessoal. Bastava o professor entrar na sala que eu sentia pavor, às vezes dava até um frio na barriga. E as técnicas utilizadas por eles, como a memorização e a utilização obrigatória do livro didático como única fonte de saber não contribuiu para a minha evolução, ao contrário, fez-me desistir de continuar os estudos, pois pensava, por estudar em escola pública, que nunca iria conseguir passar em um vestibular devido á falta de conteúdo e aprendizagem, e principalmente pelo sentimento de inferioridade que sentia pelas consequências das pressões psicológicas, humilhações, castigos, medos que geraram traumas na minha vida.

“O autoritarismo do educador não se manifesta apenas no uso repressivo da autoridade, que restringe arbitrariamente os movimentos dos educandos. Manifesta-se igualmente num sem números de oportunidades. Na vigilância doentia sobre os educandos, na falta de respeito à sua criatividade, à sua identidade cultural. Na falta do acabamento à maneira de estar sendo dos alunos das classes populares, na maneira como os adverte ou os censura. Na estreiteza com que compreende o binômio ensinar/aprender no qual o educando é reduzido à memorização mecânica do que o professor deposita nele. “Professor Bancário”, como o chamei em *Pedagogia do oprimido*.” (FREIRE, 2003, p. 73)

É estranho lembrar as situações que passei, e analisa-las nos dias atuais. Não digo maravilhosas, mas que evolução considerável dos métodos pedagógicos!

Vejo as influências do ensino tradicional em minha vida, que deixou marcas e consequências, mas que estão em desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional e moderno. Apesar de ainda existir, o ensino tradicional está modernizado, evoluído com as tecnologias e mudanças das Leis e Diretrizes Curriculares (1996). E com isso o professor deixou de ser a melhor fonte de informações e detentor do saber, passou a ser mediador do conhecimento, e o aluno deixou de ser robô, e passou a ser integrante de sua aprendizagem.

Então, relembro as metodologias tradicionais e reflito que como educadora preciso adquirir novos conhecimentos todas as vezes que sentir-me incompleta e fragilizada pelo sistema educacional. Procurar superar o cotidiano escolar para fazer parte da minoria de professores que gostam de *fazer diferente*, fazendo a diferença metodológica.

Para tanto, existem técnicas pedagógicas padronizadas e outras que podem ser adaptadas e inventadas, basta querermos.

E reflito, baseando em meus sentimentos e experiências, que uma metodologia de ensino necessita de humanismo, de sensibilidade, de afeto, e principalmente de felicidade, através do diálogo e das brincadeiras. Não é tarefa fácil, porém, não é impossível.

3. APRENDER E ENSINAR BRINCANDO

Sei por experiências vividas e observadas, que o brincar é uma das atividades mais importantes para o desenvolvimento da criança. Por meio dessa ação, ela desenvolve suas potencialidades mais importantes, pois através da brincadeira a criança se socializa, se comunica, desenvolve laços afetivos e emocionais, cria, imagina e faz exercícios físicos (MENDONÇA; RODRIGUES, 2017).

A Brincadeira é uma atividade universal, que até os adultos gostam. Pois lembro que quando executei uma atividade com os alunos da EJA eles ficaram eufóricos com as brincadeiras realizadas. Outro momento, também lembrado foi no estágio com a turma do quarto ano, na qual consegui a atenção dos alunos através das brincadeiras.

Desta forma, confirmo que a brincadeira é um instrumento fundamental para facilitar o aprendizado. E que podemos utilizar diversos brinquedos, tanto os industrializados, como os confeccionados com materiais recicláveis, que ficam mais divertidos quando as crianças ajudam nas confecções. Assim, o brinquedo tornará um facilitador do desenvolvimento, pois brincando a criança representa, imagina, inventa, cria e faz de conta para entender sua realidade, seu meio e suas vontades.

Lembro-me das minhas brincadeiras, da escola e do ambiente familiar, e sei o quanto é prazeroso e divertido, o quanto estimula o desenvolvimento e a vontade de querer aprender mais e mais. Assim, o educador que participa que estimula que brinca e transmite alegria, desperta no aluno o interesse em aprender (GUSSO; SCHUARTZ, 2017). Penso então que as atividades lúdicas devem estar presentes em todos os momentos do aprendizado.

Durante os Estágios Supervisionados, constatei que as crianças do pré II foram mais afetiva, mais alegre, e mais interessada em aprender, pelo fato de que a educadora foi participativa. Assim entendo que a base para um aprendizado completo dependerá do educador e do ambiente, pois a base deverá ser no amor, na responsabilidade, no brincar, no educar e no cuidar.

O brincar é uma necessidade que as crianças têm para se desenvolver, pois ao relembra minhas brincadeiras, os jogos e as invenções que eu realizava, eu interagia, me comunicava, eu imaginava, criava, desenvolvia movimentos corporais, aprendia letras, números, a utilização dos objetos, o certo o errado, enfim, a brincadeira é uma atividade necessária e saudável para o desenvolvimento infantil.

Recordo das brincadeiras da infância e da adolescência. De algumas não lembro as regras, ou as letras das brincadeiras musicais, mas eram variadas e bem divertidas. Lembro que eu brincava de brincadeiras que envolviam corrida, bola, corda e outros objetos, como: Pega-Pega, Pira alta, corre cotia, telefone sem fio, vivo ou morto, pular corda, passa anel, amarelinha, peteca, estátua, rodas, bambolê, rouba bandeira, queimada, dança das cadeiras, cabra cega, o peru, cabo de guerra, adedonha (stop), elástico, gangorra, balanço e outras.

Como é maravilhoso recordá-las. E de todas essas brincadeiras, a que eu mais adorava era a queimada e rouba bandeira.

Nos dias atuais algumas dessas brincadeiras são utilizadas como atividades físicas nas escolas infantis, nos momentos recreativos, como as brincadeiras de rodas, amarelinha, pular corda, gangorra, balanço etc.

A valorização e o resgate das brincadeiras tradicionais tem grande contribuição para o desenvolvimento das crianças, pois favorece a cultura corporal e a valorização do saber e da cultura popular. Assim de acordo com Faria (1996, p.55, Apud, NEVES, 2012, pg.27), “Esse resgate propicia ainda as crianças um saber popular, transmissor de cultura, que lhes possibilita descobrir os códigos básicos da sociedade em que vivem, apresentando um enorme potencial educativo”.

4. SENSIBILIDADE E AFETIVIDADE

Sei o quanto é fundamental o lúdico para o desenvolvimento infantil, e também a importância da sensibilidade e afetividade dos profissionais do setor educativo. Assim, o professor de educação infantil precisa entender e respeitar as especificidades das crianças e evitar a homogeneização em sala de aula. Porque se partimos para um entendimento de que o aprendizado será único e vertical, estaremos negando que cada criança aprende, desenvolve e vê o mundo de diferentes ângulos. Elas possuem forma própria de se desenvolverem, de ver o mundo e a si mesma de forma especial e única (FREITAS, 2005).

Assim, entendo como educadora, que devo observar e ter um olhar sensível á tudo que passa ao meu redor, inclusive, um olhar sensível ao meu desejo de educar e as minhas capacidades profissionais (FREITAS, 2005). O importante, não é ter medo de ser sensível e afetuoso.

Freire (1997, p. 45) relata à importância de se fazer a “leitura da classe de alunos como se esta fosse um texto a ser decifrado, a ser compreendido”. Assim, entendo que essa “leitura” da classe deve ser realizada todos os dias do ano letivo para uma total compreensão e conhecimentos dos alunos. Para Freire (1997, p. 45)

A jovem professora deve estar atenta a tudo, aos mais inocentes movimentos dos alunos, à inquietação de seus corpos, ao olhar surpreso, à reação mais agressiva ou mais tímida deste aluno ou aluna.

Desta forma o meu entendimento de que é necessário ser sensível, ganha forças e lógicas, pois a sensibilidades nos permite decifrar e compreender a classe, a sala de aula, e a nós mesmos. Assim, esse hábito deve tornar-se diário e realizado com amor e afeto e com algumas técnicas pedagógicas.

“É preciso não ter medo do carinho, não fechar-se à carência afetiva dos seres interditados de estar sendo”. FREIRE (1997, P. 47)

Essas atitudes não são fáceis, pois os educadores enfrentam paradigmas sociais e políticos nos dias atuais, a principal é a desvalorização profissional difundida por uma sociedade ingênua de princípios.

Nada disso é fácil de ser feito e eu não gostaria de dar a impressão aos leitores e leitoras de que basta querer para mudar o mundo. Querer é fundamental mas não é suficiente. É preciso também saber querer, aprender a saber querer, o que implica aprender a saber lutar politicamente com táticas adequadas e coerentes com os nossos sonhos estratégicos. O que não me parece possível é nada ou muito pouco fazer diante dos descompassos terríveis que nos marcam. E em matéria de contribuir para fazer o mundo, o nosso mundo, menos ruim, não temos por que distinguir entre ações modestas ou retumbantes. Tudo o que se puder fazer com competência, lealdade, clareza, persistência, somando forças para enfraquecer as forças do desamor, do egoísmo, da malvadez, é importante.

(FREIRE, 1997, P. 47)

CONCLUSÃO

Ao longo de minhas experiências de vida, estudantil e profissional, busquei refletir e compreender as mudanças sócio/políticas/culturais dentro do contexto educativo, e penso que houve sim mudanças, porém, creio eu, que estão em desenvolvimento e decisões constantes. Parece uma corrida de tempos (épocas) com qualidades (personalidades), que não exige regras e nem premiação, que ganha quem realmente quer. Ou mais claramente falando: muda, adapta-se, constrói e faz à diferença professores, gestores, equipe educacional, quem realmente deseja.

Existe o sistema padrão que pode ser adaptado, não modificado, mas adaptado. Comparo a uma árvore de natal: só a árvore ficaria sem graça, mas quando a enfeito com bolas, luzes e outros acessórios, ela fica perfeita, maravilhosa!

E assim são as metodologias e as práticas pedagógicas, quando acrescentamos técnicas diferenciadas, sentimentos positivos, os transformamos em um meio prazeroso para aprender e interagir o saber, o conhecimento, a aprendizagem e a socialização. Como já mencionei não é tarefa fácil, porém não é impossível.

O memorial fez-me refletir e equiparar minhas experiências enquanto aluno e profissional. E pude entender e compreender todas as ações sofridas e observadas. Entendo as consequências predominadas por amor e proteção familiar. Entendo os tratamentos sofridos na época da educação tradicional. Entendo porque existe resistência de professores para as mudanças. Entendo as consequências e mudanças sociais que refletem na cultura, nas decisões e vidas humanas. E fiquei impressionada comigo mesma diante da minha capacidade de refletir e equiparar cada situação surgida em sala de aula, durante os estágios, com as experiências vividas na infância e adolescência, e que pude refletir criticamente sobre cada decisão, ação ou acontecimento que considere certo ou errado.

E assim, compreendo que se faz necessário a construção e reconstrução dos meus conhecimentos, pensamentos, das minhas reflexões, atitudes, ações e métodos profissionais, que devem estar baseados em pesquisas, habilidades pedagógicas e na reflexão de meu cotidiano de vida e profissional.

Devo acompanhar as mudanças de nossa sociedade e valorizar a diversidade cultural; acompanhar e executar atividades que fortaleça ações de combate ao racismo, preconceito e ao bullying na escola e em sala de aula.

Aprendi que se deve respeitar e valorizar a criança nas suas singularidades, necessidades e dificuldades, ajudando e fortalecendo sua interação no contexto escolar e social. E, principalmente, atuar com flexibilidade na vida pessoal e profissional, pois como estou em constante aprendizado, necessito, constantemente, construir conhecimentos e saberes, pois não aprendo e nem ensino sozinha, estou e estarei construindo conhecimentos juntamente com alunos e profissionais da área educativa, e em outros setores sociais.

Todo o meu aprendizado, as minhas expectativas, reflexões, o meu entendimento, desenvolvimento, a minha aprendizagem, intelectualidade, e todos os outros processos de desenvolvimento humano foram agregados em minha vida através do ensino, da aprendizagem, e principalmente influenciados pelo Ensino Superior da Graduação de Pedagogia.

Ressalto a importância do Ensino na vida do ser humano, e a valorização do aprender ensinando e ensinar aprendendo, porque tudo na vida é uma constante aprendizagem, e que eu como futura educadora precisarei estar em constante aprendizado e evolução social.

E concluo como educadora, que preciso valorizar a necessidade de me tornar uma profissional que planeja, que pesquisa, que interaja, e principalmente, que valorize o respeito e a inclusão de forma sensível e humana. Diante de tudo, sobrevivi, aprendi e produzi ações e situações que me valorizaram como profissional e como pessoa humanizada.

REFERÊNCIAS

BARROS, Jussara. **Escola Mudou**. Graduada em Pedagogia – Equipe Brasil Escola. S/d. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/a-escola-mudou.htm>> Acesso em 08/11/2017.

CAPESESP. **Conheça os métodos de ensino das escolas brasileiras**. Disponível em: <<https://www.capesesp.com.br/conheca-os-metodos-de-ensino-das-escolas#header-na>> Acesso em: 08/11/2017

DICIO. Dicionário online de Português: **Bullying**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/byllying/>> Acesso em: 08/11/2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Olho d'Água, 1997.

FREITAS, Kathleen Anderson Alves. **Inclusão**: atravessando os caminhos de uma educadora. Memorial. Campinas: UNICAMP, 2005.

GUSSO, Sandra de Fátima Krüger; SCHUARTZ, Maria Antônia. **A criança e o lúdico**: a importância do “brincar”. PUCPR. S/D. Disponível em: <<https://cursosgratisonline.com.br>>. Acesso em 04 de Setembro de 2017.

MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues; RODRIGUES, Marlene. **Recreação e Jogos**. Rondônia: Edufro/UNIR, 2017.

MONTEIRO, Ana Maria Gutierrez¹; OLIVEIRA, Alexandra M. da Silva²; RONDON, Gislei A.de Souza. **Metodologia de projetos na educação infantil**: Valores, saberes e desafios. S/d. Disponível em: <<https://cursosgratisonline.com.br>>. Acesso em 04 de Setembro de 2017.

NEVES, Sérgio Magno das. **As brincadeiras tradicionais na prática da Educação Física na 4ª série do Ensino Fundamental da escola estadual Mãe Angélica**. Trabalho Monográfico. Macapá: AP/UNIFAP, 2012.

NOVA ESCOLA. Fundação Victor Civita. **Hora de brincar**. Edição Especial. Abril, 2010.

OFÍCIO DE PROFESSOR, aprender mais para ensinar melhor. Fundação Victor Civita, **Desenvolvimento e Aprendizagem**, São Paulo, editora Abril, 2002.

OFÍCIO DE PROFESSOR, aprender mais para ensinar melhor. Fundação Victor Civita, **Ética e Cidadania**, São Paulo, Abril, 2002.

SOUZA, Ana Cláudia Brito. **Bullying na escola**: Como evitar. Disponível em < <https://pedagogiaaopedaletra.com/bullying-na-escola-como-evitar/>>. Acesso em 22 de Julho de 2017.

UAB – IRECÊ/BA. **Organização do trabalho pedagógico. Características das escolas tradicional, nova, ativa, comportamentalista e construtivista** - Web fólio. Maridilva, Sirlene, Nivânia, Francisca e Aurivan, 2010. Disponível em: < <http://sirlene58.blogspot.com.br/2010/06/>>